

Sessão nº 18

O(s) Evangelho(s) – Enquadramento (s)

Clarificado – sessão anterior - o que são os Evangelhos, como apareceram e a quem se destinam, está na altura de trabalhar sobre enquadramento(s) do(s) Evangelho (s) como a boa notícia para os cristãos.

Iremos desenvolver este tema em modo de pergunta/dúvida versus resposta possível. Assim, formulamos 3 perguntas/dúvidas:

I - Dizer que o (s) Evangelho (s) não foram escritos para pagãos ou não-crentes, exclui-os da boa notícia?

O(s) Evangelho(s) (do latim tardio *evangelium*, do grego clássico εὐαγγέλιον, «boa nova, boa notícia») aparecem-nos como a história da Fé do Novo Testamento. Em tempos de Jesus e pós-Jesus continua a haver pagãos e não-crentes. Porém, a boa-notícia é um apelo à construção do Reino de Deus anunciado por *Jahweh* desde o tempo dos patriarcas - Abraão, Isaac e Jacob – nossos pais na Fé. Portanto, se os pagãos ou os não-crentes não conseguem ler o(s) Evangelho (s) – não foram escritos para eles - é porque não conhecem/conheceram a Fé desde os nossos antepassados (AT/AA), atualizada, vivida e anunciada pelo Deus encarnado – Jesus de Nazaré (NT/NA). É necessário conhecer quem foi o Jesus histórico, como passou pela terra fazendo o bem e anunciando o Amor/Deus Pai, como foi e porque foi assassinado. O não conhecimento desta vida e revelação em Jesus do projeto de Deus, o Pai nosso e dele Jesus não permite a ninguém, mesmo aos batizados ler e compreender a boa notícia escrita em diversas linguagens pelas comunidades testemunhas do Deus feito homem – Jesus de Nazaré. Só depois desse catecumenado, desse percurso de descoberta e identidade, dessa abertura ao Espírito, é possível compreender a boa notícia deixada pelas comunidades cristificadas no (s) Evangelho (s). Só assim estamos capacitados para um aprofundamento de vida e vivência – procura do Reino de Deus – que foi e é a razão de ser do homem, criado por Deus à sua imagem e semelhança. O que acabamos de dizer é também válido para muitos cristãos que, proclamando-se crentes, interpretam o(s) Evangelho (s) de forma literal e não compreendem a boa notícia aí anunciada.

OBS:

Sugere-se a leitura da entrevista de Carlos Vaz Marques a Frei Bento Domingues e Frederico Lourenço – jornal Público – 20.12.2015 disponível em anexo e, também, em www.paróquiavilarandorinho.pt separador Biblioteca/Estante/Frei Bento Domingues ou Frederico Lourenço.

II - Como devem, os cristãos, ler o AT/AA?

Se folhearmos os livros do AT/AA, principalmente o Livro do Levítico e o Livro do Deuterónimo, fica claro que os cristãos não cumprem o contido nestes livros do AT/AA. Exemplos:

Proibição de imagens;

Obrigatoriedade de cumprimento do sábado;

Não possibilidade de usar doações de sangue humano;

Proibição de furar as orelhas;

Proibição da mulher usar calças,

Etc. Etc...

Afinal, são 613 leis das quais 365 são proibições. Estas leis nascem da necessidade de melhor entender os 10 mandamentos entregues por Deus ao povo de Israel no monte Sinai. Era necessário esclarecer, por exemplo:

Não trabalhar ao sábado? O que é trabalhar?

Não tomar o nome de Deus em vão? O que é “tomar em vão”?

Santificar o sábado? O que é santificar?

Etc.. Etc..

Mas cumprir estas 613 leis era, simplesmente, impossível. Diríamos, então, que Deus propõe ao Povo eleito uma exigência impossível de cumprir? Claramente não. Todas estas leis são obra de legislador humano.

Foram escritas e tornadas obrigatórias por mãos humanas, as dos chefes religiosos e escribas da época. E isso é bem notório no esclarecimento de Jeremias:

Jr 31, 31-34

³¹Dias virão em que firmarei uma nova aliança com a casa de Israel e a casa de Judá - oráculo do SENHOR. ³²Não será como a aliança que estabeleci com seus pais, quando os tomei pela mão para os fazer sair da terra do Egito, aliança que eles não cumpriram, embora Eu fosse o seu Deus - oráculo do SENHOR. ³³Esta será a Aliança que estabelecerei, depois desses dias, com a casa de Israel - oráculo do SENHOR: Imprimirei a minha lei no seu íntimo e gravá-la-ei no seu coração. Serei o seu Deus e eles serão o meu povo. ³⁴Ninguém ensinará mais o seu próximo ou o seu irmão, dizendo: 'Aprende a conhecer o SENHOR!' Pois todos me conhecerão, desde o maior ao mais pequeno, porque a todos perdoarei as suas faltas, e não mais lembrarei os seus pecados» Oráculo do Senhor.

Vejamos: Farei uma Nova Aliança com o meu povo e as leis não estarão escritas numa pedra, mas no coração de todos.

Como aceitar, “à letra”, Deuterónimo 21, 18-21:

¹⁸ “Se um homem tiver um filho teimoso e rebelde, que não obedece ao pai nem à mãe, apesar de eles o disciplinarem, ¹⁹ o pai e a mãe levarão o filho até a porta da cidade e dirão às autoridades ali reunidas: ²⁰ ‘Este nosso filho é teimoso e rebelde e se recusa a obedecer. É mau-caráter e vive bêbado’. ²¹ Então todos os homens da cidade o executarão por apedrejamento. Desse modo, vocês eliminarão o mal do seu meio, e todo o Israel ficará sabendo disso e temerá.”.

Que muda com a Nova Aliança? Qual a chave de abertura da Nova Aliança? Jesus de Nazaré, o Messias, o encarnado de Deus, que nos traz a “boa notícia” – o Evangelho.

Jo 13, 33-35

³³ «Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco; haveis de procurar-me e, tal como disse aos judeus: "para onde Eu vou, vós não podeis ir", também vo-lo digo agora. ³⁴Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; como vos amei, que também vós vos ameis uns aos outros. ³⁵Nisto saberão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros».

Mc 12, 28-34

²⁸E, aproximando-se um dos doutores da lei, que os tinha ouvido debater, ao ver que Ele lhes tinha respondido bem, interrogou-o: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?». ²⁹Jesus respondeu: «O primeiro é: Escuta, Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor; ³⁰amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com toda a tua força. ³¹O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que estes». ³²Disse-lhe o doutor da lei: «Muito bem, Mestre, disseste a verdade: É único e não existe outro além dele; ³³amá-lo com todo o coração, com toda a inteligência e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios» ³⁴Então Jesus, ao ver que ele respondera com inteligência, disse-lhe: «Não estás longe do reino de Deus». E já ninguém ousava interrogá-lo.

Que devem, portanto, os cristãos fazer para cumprir a Nova Aliança?

Um só mandamento. Os 10 mandamentos do Sinai convertidos num único mandamento. E vejamos como tem sentido. Se eu cumprir este mandamento estou a cumprir todos os outros. Não matar, não furtar, honrar pai e mãe, não cobiçar o alheio.... Só o poderei fazer, se no coração estiver escrito o amor ao irmão.

Jesus diz aos apóstolos e ao povo reunido na montanha: Eu não vim suprimir a Lei. Vim aperfeiçoá-la. Este é o meu único mandamento.

Fiquemos, portanto, conscientes que a salvação não decorre da ritualidade. Obviamente que cumprir o mandamento único de Deus trazido por Jesus precisa de muita ajuda e a ritualidade acrescenta muito ao frágil ser humano. Mas:

Não vou salvar-me só por ir à missa;
Não vou salvar-me só por acreditar em Deus de forma verbalizada;
Não vou salvar-me só por rezar;
Não vou salvar-me só por fazer novenas e procissões,
Etc. Etc.

Tudo é muito importante, mas não chega. Vamos estar atentos ao que vamos ler em Mateus, no capítulo 25, particularmente a partir do versículo 31.

Mt 25, 31-46

³¹«Quando vier o Filho do Homem na sua glória, e todos os anjos com Ele, então sentar-se-á no trono da sua glória. ³²Reunir-se-ão diante dele todos os povos, e separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. ³³Porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. ³⁴Então o rei dirá aos da sua direita: "Vinde, benditos do meu Pai; herdai o reino preparado para vós desde a fundação do mundo. ³⁵Pois tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era estrangeiro e acolhestes-me, ³⁶estava nu e vestistes-me, estava doente e visitastes-me, estava na prisão e fostes ter comigo". ³⁷Então responder-lhe-ão os justos, dizendo: "Senhor, quando é que te vimos com fome e te alimentámos, ou com sede e te demos de beber? ³⁸Quando é que te vimos estrangeiro e te acolhemos, ou nu e te vestimos? ³⁹Quando é que te vimos doente ou na prisão e fomos ter contigo?" ⁴⁰E, respondendo, o rei lhes dirá: "Ámen vos digo: quantas vezes o fizestes a um destes meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes". ⁴¹Então dirá também aos do lado esquerdo: "Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e para os seus anjos, ⁴²pois tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, ⁴³era estrangeiro e não me acolhestes, estava nu e não me vestistes, doente e na prisão e não me visitastes. ⁴⁴Então também eles responderão, dizendo: "Senhor, quando é que te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou doente, ou na prisão e não te servimos?" ⁴⁵Então responder-lhes-á, dizendo: "Ámen vos digo: quantas vezes o não fizestes a um destes mais pequenos, também a mim o não fizestes". ⁴⁶Estes partirão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna».

E não pensemos que, sendo batizados, temos garantida a salvação. Que percorrendo uma vida dissoluta e abandonada à boa notícia, essa mesma vida pode ser resgatada, no último momento, somente com o arrependimento. Por outro lado, a mensagem da Nova Aliança é para todos. Se um ateu fizer da sua vida o cumprimento do único mandamento de Deus anunciado por Jesus não terá a salvação? Certamente que sim.

Chegados aqui, o AT/AA não é um conjunto de vivências, regras, leis para os cristãos. Mas não conseguimos compreender a nossa história de salvação sem acompanhar o percurso histórico dos nossos antepassados, no caminho até chegar a Jesus de Nazaré. Cuidado, muito cuidado, com a literalidade na leitura de toda a Bíblia, especialmente do AT/AA.

NOTA:

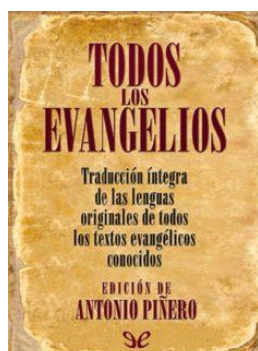
A OBS feita no final do ponto I, também serve para complemento de leitura ao ponto II

III- O Evangelho ou os Evangelhos?

Permitam-nos que respondamos a esta pergunta/dúvida com o Prólogo da obra de António Piñero: Todos os Evangelhos/edição do autor/13ª edição/janeiro 2020/Edição em castelhano.

De facto, são mais de 70 os Evangelhos conhecidos no século XXI. Deles apenas 4 são canónicos, consagrados no cânon cristão católico. A aceitação de 3 evangelhos sinópticos (de leitura paralela – Marcos, Mateus e Lucas) e o evangelho de João, permitem a compreensão mais fiel da boa notícia trazida por Jesus de Nazaré. O Cânon definido pelo Concílio de Hipona - ano 393 da nossa Era - é adotado pela Igreja Católica que definiu o cânon (lista) dos 73 livros da Bíblia dos cristãos católicos – 46 do AT/AA e 27 do NT/NA.

Os ensinamentos, as parábolas e os milagres/sinais que compõem a estrutura dos 4 Evangelhos, a desenvolver na próxima sessão, são “trabalhados” de forma diversa, porque as comunidades cristãs nascentes, entre os anos 50 d.C. e 95 d. C também eram culturalmente diferentes e provenientes de lugares muito diversos.



PRÓLOGO

A presente edição - 19ª janeiro 2020 - contém todos os evangelhos que chegaram até nós, tanto canônicos como apócrifos, desde a segunda metade do século I d.C. até o século X d. C, aproximadamente. Alguns foram transmitidos na íntegra; outros, apenas fragmentariamente – através de citações de outros autores - e outros, finalmente, quase apenas com um título.

Utilizamos a palavra Evangelho não no sentido original que tinha entre os cristãos primitivos (proclamação da boa nova - kérigma em grego), mas no sentido como é conhecido a partir do século II d.C. por toda a cristandade: "Livro que reúne o atos e as palavras da vida de Jesus de Nazaré como boa nova da salvação para todos os seres humanos." No caso especial dos Evangelhos Gnósticos (p. 449), entendemos por evangelho "os livros que contêm a revelação do Jesus espiritual, geralmente após sua ressurreição, sobre o Deus transcendente, da essência espiritual dos eleitos e de sua salvação. Tendo em conta estas definições, o número de evangelhos, canônicos e apócrifos, é bem superior a cinquenta.

Advertimos o leitor que não dê por totalmente validados os títulos dados pela tradição - a maioria das vezes atrasada - para alguns dos evangelhos. Além de alguma desinformação sobre o autor, como acontece com os evangelhos canônicos, também ocorrem más informações sobre o seu conteúdo. Especialmente entre os escritos da Gnose – a maioria dos ditos Evangelhos Apócrifos - duas coisas podem acontecer:

- Primeira: alguns dos chamados "evangelhos", não o são ou apenas o são de uma forma um tanto ou quanto imprecisa (neste volume, isso ocorre apenas em alguns casos, como seja com o “Evangelho da Verdade”, ou o “Evangelho dos egípcios”), ou,

- Segunda: terem um título que pode levar o leitor ao engano, pensando tratar-se de Evangelhos canônicos e que não o são, como é o caso da Revelação a Pedro ou Tiago, a Carta de Pedro a Felipe ou Pistis Sofia. Independentemente do título, são evangelhos gnósticos.

A versão dos textos oferecidos neste livro é a versão original. O signatário é o responsável de cada tradução que foi feita a partir dos textos originais publicados em edições modernas e encontradas em bibliotecas universitárias, em vários idiomas: grego, latim, copta, árabe, sem mediação da versão moderna, indicada na muito breve bibliografia que acompanha este volume. Em todas as traduções contidas neste volume, o leitor encontrará mais informações sobre cada evangelho. Em certos casos, o uso da fotografia de um manuscrito especial foi usada e está junto da tradução.

Para não aumentar o número de páginas de uma obra que se deseja de consulta rápida e suficientemente clara, dispensamos as notas ao texto tanto quanto possível. As apresentações são igualmente breves.

Seria desejável seguir uma ordem estritamente cronológica de apresentação dos Evangelhos. E isso, porque tal apresentação, obviamente, ajuda a acompanhar no tempo a evolução das ideias e novas culturas. Porém, este objetivo não foi possível de seguir uma vez que, para a maioria dos Evangelhos, não podemos oferecer mais do que uma cronologia aproximada já que muitos deles - de estrutura e condições muito diferentes – coincidem num mesmo intervalo de tempo apareceriam misturados, sem a devida separação feita pelo critério temático. Em face desta limitação, procura-se uma dupla ordem metodológica: cronológica e temática.

Deixamos para o fim os textos fragmentários, os poucos resquícios de evangelhos de título desconhecido e os «agrafa» (1), porque acreditamos que, assim, serão mais bem compreendidos e depois de ter lido os textos que nos foram transmitidos na íntegra. No início de cada Evangelho há um pequeno resumo que conduz o leitor aos principais assuntos que podem interessar, como sejam o autor, data de redação e fonte da qual cada texto é extraído. No final, é apresentado um índice alfabético dos evangelhos segundo a denominação habitual para que sejam fáceis de encontrar.

Acreditamos que o leitor terá um melhor conhecimento dos Evangelhos canônicos do que dos apócrifos. Por tal motivo, não usamos nos primeiros o itálico que pretende chamar a atenção para o conteúdo geral de cada perícopo. Usamos o itálico, isso sim, nos evangelhos apócrifos para que o leitor possa mais facilmente encontrar clarificado o seu conteúdo.

Como o leitor poderá observar nos breves resumos introdutórios, quase todos os autores dos evangelhos citados neste livro - e são mais de setenta - são absolutamente desconhecidos. Em alguns casos, especificamente, nos Evangelhos canônicos, conhecemos o suposto nome de seus "autores/redatores"; mas

essas são tradições realmente tardias, do século II d.C. com pouca ou nenhuma fiabilidade, uma vez que são apenas tentativas de ligar especialmente as tradições sobre Jesus com nomes de personagens no ambiente dos primeiros apóstolos. Atrás de cada um desses nomes, esconde-se uma pessoa/autor/redator com propósito desconhecido para nós.

Como complemento a esta edição, oferecemos ao leitor o evangelho conhecido como «Fonte Q», fundamental para compreender o processo de transmissão da tradição evangélica – especialmente para o Evangelho de Mateus e Lucas - e dois "evangelhos" gnósticos, muito famosos, o dos egípcios e o da verdade, que levam um título de evangelho, mas que não são mais que comentários sobre as doutrinas ditas “secretas” de Jesus.

As introduções e resumos sobre o autor, data e local de redação, fontes documentais, etc., foram elaboradas pelo autor.

OS EVANGELHOS CANÓNICOS

Chamamos “canónicos” aos escritos evangélicos admitidos pelo “cânon”, a lista, dos livros aceites como sagrados pelas igrejas cristãs. A história da formação desta lista – cânon - foi muito discutida e complicada e estende-se desde o ano 110 d.C. aproximadamente - época do escrito primitivo judaico cristão a Didache (2) -. ou doutrina dos 12 apóstolos -, que parece citar o evangelho de Mateus, até ao século X d.C., data na qual o Apocalipse de João foi definitivamente aceite como canónico pelas igrejas cristãs do oriente. Estes evangelhos canónicos aparecem em primeiro lugar nesta obra, pois são os mais antigos.

Notas:

(1) “agrafa” – retalhos, folhas soltas, apontamentos, etc..

(2) *Didache- Didaquê ou Didaqué (Διδαχή, "ensino", "doutrina", "instrução" em grego clássico), Instrução dos Doze Apóstolos (do grego Didache kyriou dia ton dodeka apostolon ethesin) ou Doutrina dos Doze Apóstolos é um escrito do século I que trata do catecismo cristão. É constituído de dezasseis capítulos, e apesar de ser uma obra pequena, é de grande valor histórico e teológico.*

O título lembra a referência de «E perseveravam na doutrina dos apóstolos ...» (Atos 2:42).

ANTONIO PIÑERO

Universidad Complutense, Madrid.

ANTONIO PIÑERO (Chipiona, Cádiz, 1941) é professor de Filologia Grega na Universidade Complutense de Madrid, com especialização na língua e literatura do cristianismo primitivo. É autor e escritor de inúmeras obras no campo do Cristianismo e do Judaísmo. A par do prestígio internacional como investigador, destaca-se o seu papel de comunicador, testemunhado por milhões de pessoas. Nos seus escritos, assim como nas suas intervenções na televisão e no rádio, a sua determinação, dinamismo e sobretudo a paixão que transmite dão um fluxo único à sua mensagem.

Nota final:

Fica, ainda, um convite para complemento de estudo: Introdução à Bíblia em grego e Introdução aos 4 Evangelhos – Frederico Lourenço - A Bíblia - Livro 1: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos – Quetzal Editores